

DESIGN E MODERNIDADE DE COBOGÓS NA ARQUITETURA DO NORDESTE: EXEMPLARES DE UM PATRIMÔNIO CONSTRUTIVO REGIONAL

DESIGN AND MODERNITY OF COBOGÓS IN THE ARCHITECTURE OF THE NORTHEAST:
EXEMPLARY OF A REGIONAL CONSTRUCTION HERITAGE

DISEÑO Y MODERNIDAD DE COBOGÓS EN LA ARQUITECTURA DEL NORESTE:
EJEMPLAR DE UN PATRIMONIO CONSTRUCTIVO REGIONAL

Adriana Castelo Branco Ponte de Araújo¹, Rita de Castro Engler²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo evidenciar o potencial plástico e funcional do elemento vazado cobogó no patrimônio construído da região nordeste, principalmente durante o período da arquitetura moderna. A partir da criação do artefato em Pernambuco, em 1929, muitos arquitetos modernistas priorizaram a sua utilização, adaptando os projetos às condições do clima e paisagem tropical. O critério de escolha dos estudos de casos aqui apresentados foi definido pelo protagonismo do cobogó na composição das obras, pela exclusividade do padrão visual das peças, assim como pelo acesso às documentações ou às próprias edificações. A metodologia de análise inclui uma contextualização histórica do edifício, uma abordagem sobre o aspecto funcional e estético do cobogó e o redesenho do módulo, realizando na conclusão uma sistematização de dados técnicos. O trabalho visa destacar o design de cobogós na arquitetura da região nordeste, evidenciando o potencial da sua identidade regional.

PALAVRAS-CHAVE: Cobogó; Elemento vazado; Design; Arquitetura Moderna.

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU+D/UFC).
Instituto Federal de Educação do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil, adriana.araujo@ifce.edu.br

² PhD in Technology Innovation ECP-FR,
UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, rita.engler@uemg.br

SUBMETIDO EM: 30/06/2025
ACEITO EM: 22/09/2025

Como citar: ARAUJO, Adriana Castelo Branco; ENGLER, Rita de Castro. Design e Modernidade de cobogós na arquitetura do Nordeste: exemplares de um patrimônio construtivo regional. *Revista Arquitetura e Lugar*, Campina Grande, v.3, n.11, 2025.



ABSTRACT

This article aims to highlight the plastic and functional potential of the hollow cobogó element in the built heritage of the northeast region, especially during the period of modern architecture. Since the creation of the artifact in Pernambuco in 1929, many modernist architects have prioritized its use, adapting their projects to the conditions of the tropical climate and landscape. The criteria for choosing the case studies presented here were defined by the protagonism of the cobogó in the composition of the works, the exclusivity of the visual pattern of the pieces, as well as access to documentation or the buildings themselves. The analysis methodology includes a historical contextualization of the building, an approach to the functional and aesthetic aspect of the cobogó and the redesign of the module, concluding with a systematization of technical data. The work aims to highlight the design of cobogós in the architecture of the northeast region, highlighting the potential of its regional identity.

KEYWORDS: Cobogó; Hollow element; Design; Modern Architecture

RESUMEN

Este artículo pretende destacar el potencial plástico y funcional del elemento hueco cobogó en el patrimonio edificado de la región noreste, especialmente durante el período de la arquitectura moderna. Desde la creación del artefacto en Pernambuco en 1929, muchos arquitectos modernistas han priorizado su uso, adaptando sus proyectos a las condiciones del clima y paisaje tropical. Los criterios para elegir los estudios de caso presentados aquí fueron definidos por el protagonismo del cobogó en la composición de las obras, la exclusividad del patrón visual de las piezas, así como el acceso a la documentación o a los propios edificios. La metodología de análisis incluye una contextualización histórica del edificio, un enfoque al aspecto funcional y estético del cobogó y el rediseño del módulo, concluyendo con una sistematización de datos técnicos. El trabajo tiene como objetivo destacar el diseño de cobogós en la arquitectura de la región noreste, destacando el potencial de su identidad regional.

PALABRAS CLAVE: Cobogó; Elemento hueco; Diseño; Arquitectura Moderna



INTRODUÇÃO

O cobogó, elemento construtivo tradicional da arquitetura brasileira, foi criado em 1929, em Pernambuco, a partir das iniciais dos sobrenomes de seus inventores: Amadeu Oliveira Coimbra (CO), Ernest August Boeckmann (BO) e Antonio de Góis (GO). Consistem em blocos vazados, inspirados nos muxarabis da arquitetura árabe, propiciando a visibilidade com privacidade, além da iluminação e ventilação natural. O artefato assumiu uma identidade regional e tornou-se um dos símbolos da arquitetura moderna brasileira, proporcionando boa funcionalidade, racionalização do processo construtivo, baixo custo de produção, além de trazer maior leveza visual às construções.

Os primeiros cobogós foram inicialmente executados em cimento e material cerâmico, sendo amplamente utilizado na região nordeste, expandindo seu uso posteriormente para outras regiões do país, com maior intensidade entre as décadas de 1940 e 1970. Holanda (1982, p. 26 e 27) desenvolveu conceitos importantes sobre a produção de uma arquitetura adequada para os trópicos, recomendando soluções simples como “Recuar paredes”, “Criar sombras” e “Vazar muros”. Considerando as questões estéticas do produto, o autor defende que o cobogó: “pode assumir uma ampla gama de configurações entre filigranas e marcado jogo de relevos”, assim como é importante que “desenvolvamos novos padrões, estudando a disposição dos septos e relação dos cheios e vazios, em função da orientação dos locais onde serão empregados e dos níveis de iluminação desejados”. Essas reflexões demonstram o significado do design do cobogó relacionada à sua materialidade, geometria e ao conforto ambiental proposto no projeto.

O presente artigo tem como objetivo evidenciar o potencial plástico e funcional do cobogó no patrimônio construído da região nordeste. O critério de escolha dos estudos de casos apresentados foi definido diante do protagonismo do cobogó na composição das obras, pela exclusividade do padrão visual das peças, assim como pelo acesso às documentações ou às próprias edificações analisadas. A metodologia de análise de cada caso inclui uma contextualização histórica do edifício, a abordagem sobre o aspecto funcional e estético do cobogó e o redesenho do módulo.

A estrutura do trabalho resgata inicialmente a utilização pioneira do cobogó em edifícios projetados pelo arquiteto modernista Luis Nunes, para na sequência exemplificar alguns padrões de elementos vazados da arquitetura residencial pernambucana, e por último destacar o uso do artefato na produção arquitetônica de outras cidades do nordeste tais como: Teresina (PI), Natal(RN), São Luis(MA), Salvador(BA) e Campina Grande(PB). As edificações selecionadas foram construídas em sua maior parte entre as décadas de 1950 e 1970. Nas considerações finais é realizada uma análise comparativa dos exemplares apresentados considerando seus aspectos funcionais e estéticos. O trabalho visa contribuir com o resgate do design de cobogós brasileiros, evidenciando o seu caráter simbólico e a sua relevância na arquitetura da região nordeste.

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO COBOGÓ EM PERNAMBUCO

O início do Século XX trouxe para o panorama da arquitetura mundial o discurso da racionalização construtiva e modernidade. Nesse período a cidade do Recife, localizada em Pernambuco apresentava um contexto próspero de industrialização, além agregar fatores político, econômico e sociocultural favoráveis, o que atraiu a chegada de arquitetos imigrantes, responsáveis por uma produção arquitetônica moderna, devidamente adaptada à realidade tropical. Essa proposta pioneira modernista foi gradualmente sendo absorvida por uma equipe de jovens profissionais que atuavam na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura de Recife, podendo citar alguns arquitetos, engenheiros e outros nomes de destaque: Joaquim Cardozo, Luis Nunes, Francisco Saturnino de Brito, Aníbal Melo Pinto, Sérgio Magalhães, Di Cavalcanti, Augusto Rodrigues e Roberto Burle Marx (Vieira; Borba; Rodrigues, 2012).



Dentre eles, o trabalho de Luiz Nunes (1909-1937) merece relevância pela atuação disruptiva na arquitetura moderna pernambucana. Nunes inova na sua linguagem projetual adotando o uso de blocos vazados pela primeira vez em 1934 na Escola de Anormais. Porém recebeu grande notoriedade pelo projeto de uma obra emblemática: a Caixa D'água de Olinda, atualmente tombada pelo Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) (Marques; Naslavsky, 2012).

A Caixa d'água construída em 1936, localizada no Alto da Sé de Olinda, em pleno sítio histórico da cidade, foi considerado um marco histórico na arquitetura nacional publicado no catálogo internacional Brazil Builds (1943). O edifício traduziu uma arquitetura inovadora e novas técnicas de engenharia, dentre elas um elemento vazado inédito na arquitetura nacional - o COBOGÓ.

Luiz Nunes identificou as vantagens funcionais e estéticas do elemento vazado e decidiu empregar o mesmo tipo de cobogó, no projeto do Pavilhão de Verificação de Óbitos do Recife (1937) e Leprosário da Mirueira (1941) ambos em Pernambuco, mas, nos dois casos, a utilização do Cobogó não é tratada da mesma forma que na Caixa d'água, na qual ele é a base da composição da fachada (Oliveira; Bauer, 2011) (Figura 01)

Figura 01: Caixa d'água de Olinda- Fachada, detalhe do Cobogó e Pavilhão de Verificação de Óbitos do Recife

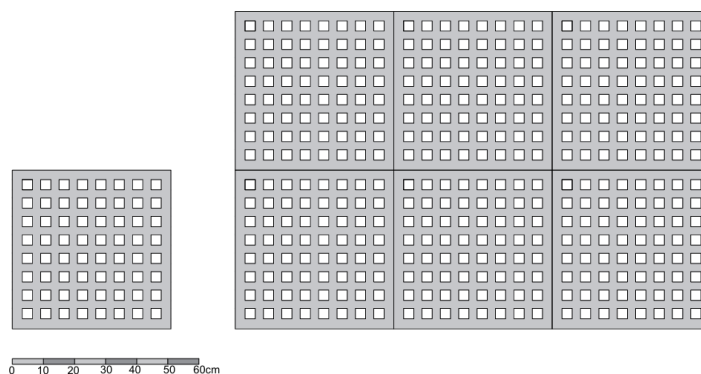


Fonte: Acervo da autora

O módulo do cobogó utilizado nesses projetos pioneiros consistia em um dos poucos padrões produzidos na época, na forma quadrada com dimensões de 50 x 50 x 7cm e orifícios quadriculares de 3 x 3cm. As peças foram produzidas utilizando cimento, cascalho e areia e pintura branca à base de cal (Figura 02).

Figura 02 – Desenho esquemático do cobogó do Pavilhão e do Pavilhão de óbitos.

Fonte: Elaborado pela autora



As obras projetadas por Luis Nunes e sua equipe incentivaram outros arquitetos a produzir obras nas décadas seguintes, acatando premissas da arquitetura moderna em suas concepções, porém sempre adaptando as propostas às condições peculiares do clima e paisagem tropical. As tipologias residenciais, comerciais e institucionais merecem destaque no uso do cobogó, comprovando o potencial plástico e funcional do artefato na arquitetura pernambucana.

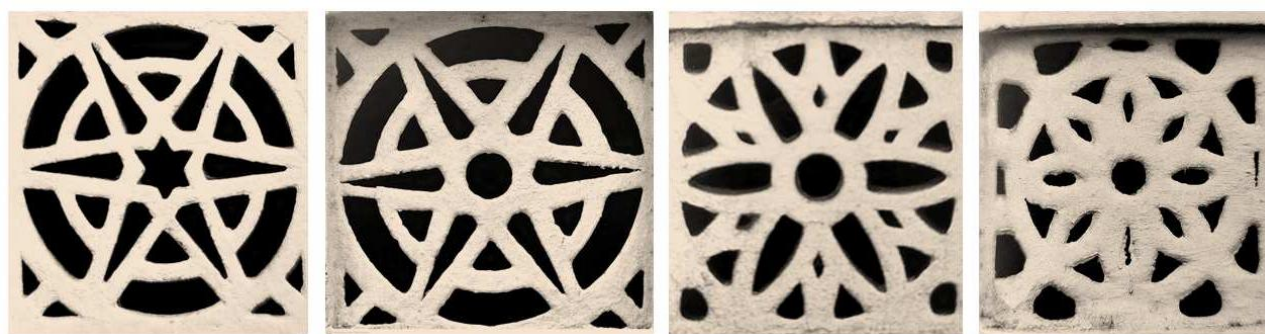
Exemplares de Cobogós da arquitetura residencial pernambucana

A utilização do cobogó em Pernambuco alterou visualmente a racionalidade das composições e foi uma alternativa eficiente e mais econômica ao emprego do "brise soleil" em concreto armado, outro sistema de proteção solar aplicado nas fachadas poentes dos edifícios. O artefato introduziu princípios de modernidade na arquitetura, representando uma inovação nas construções, pois contribuiu para a ordenação das plantas no que diz respeito ao controle da modulação, como também para as questões de conforto ambiental.

Uma das qualidades mais notáveis do cobogó é o seu uso democrático, pois costuma ser utilizado em construções das mais básicas até as mais complexas. No caso da sua aplicação na arquitetura residencial de bairros mais antigos do Recife, observa-se o uso criativo dos elementos vazados em fachadas e muros agregando um diferencial estético. Sobre a presença do cobogó na arquitetura de caráter mais popular, Holanda (1982) reforça que "o cobogó ocorre frequentemente nas construções modestas do nordeste, com desenhos fantasiosos ou ingênuos, mas sempre um elemento simples, leve, resistente, econômico, sem exigências de manutenção e com alto grau de padronização dimensional" (Holanda, 1982, p.25).

Esse conceito do da valorização do cobogó na paisagem urbana de Recife foi explorado pelo livro "Cobogós de Pernambuco", lançado em 2012, cujos autores realizaram um rico inventário dos diversos padrões existentes, demonstrando a importância deste material construtivo para a cultura e arquitetura local. Dentre os modelos de cobogós inventariados no livro, foi observada a similaridade de geometrias de algumas peças, com diferenças visuais sutis, simbolizando flores ou estrelas, ilustradas lado a lado na montagem da figura 03.

Figura 03: Cobogós da arquitetura popular pernambucana



Fonte: Josivan Rodrigues (2012) Montagem adaptada pela autora

Vale salientar, que durante uma pesquisa de campo realizada em janeiro de 2025, na cidade de Olinda-PE, foram localizados padrões de cobogós similares a esses exemplos aplicados em residências de períodos históricos diversos. Observou-se a presença do elemento vazado em muros, guarda-corpos ou mesmo como abertura de iluminação de escadas e espaços como banheiros, cozinhas e áreas de serviço. O principal objetivo de uso dessas peças demonstra ser o efeito decorativo que os desenhos



proporcionam. O padrão estético alcançado por cada proposta é definido pelo minimalismo das formas ou pelo traçado mais figurativo. Ver figura 04.

Figura 04: Edificações diversas em Olinda-PE com uso de cobogós



Fonte: Acervo da Autora

A diversidade de formatos e dimensões de cobogós geram proporções diferentes de visibilidade exterior-interior e vice-versa. Em alguns exemplos da figura 04 são valorizados os contrastes de cores entre as superfícies cegas e os elementos vazados, demonstrando a riqueza plástica da arquitetura residencial de Olinda.

O PROTAGONISMO DO COBOGÓ NA ARQUITETURA MODERNA DO NORDESTE

Nas décadas de 1930 e 1970, o cobogó tornou-se uma constante como elemento construtivo não apenas na arquitetura moderna pernambucana, mas em todo o nordeste brasileiro, expandindo-se também para outras regiões brasileiras, diante das suas vantagens bioclimáticas, além da facilidade de manutenção e baixo custo de produção. O produto passou a ser produzido em larga escala por fornecedores diversos, geralmente compondo camadas externas que "envolviam" as edificações protegendo-as do calor excessivo. Isso reforça sua característica de permeabilidade visual, pois, embora separe ambientes, não obstrui completamente a visão, criando uma conexão entre o interior e o exterior do edifício.

Na sequência serão apresentados alguns estudos de caso do uso expressivo do cobogó em outras cidades do nordeste, trazendo um panorama das aplicações funcionais e estéticas em obras residenciais, institucionais e comerciais. A metodologia de análise dá ênfase aos desenhos e geometrias dos cobogós adotados, demonstrando a diversidade de padrões visuais e materialidade do artefato.

Departamento de Estradas e Rodagem (DER)(1955)

O edifício sede do Departamento de Estradas e Rodagem (DER), construído entre 1955 e 1959, fica localizado em Teresina, capital piauiense e foi projetado pelo arquiteto carioca Maurício Saed. O edifício foi considerado o primeiro prédio da cidade a apresentar características da arquitetura moderna brasileira, tais como, volumetria prismática simples, estrutura independente, pilotis e o uso de cobogós. O elemento vazado foi aplicado em um extenso painel na fachada poente, gerando uma malha reticulada que visava proteger a circulação interna (Silveira; Craveiro; Talita, 2016).

O cobogó constituiu uma solução importante para a racionalidade construtiva, contribuindo para a adequação bioclimática da edificação. Os módulos dos cobogós foram executados em material cimentício, com desenho composto de pequenos quadrados, com padrão estético semelhante a Caixa d'água de Olinda. Na figura 05 pode-se observar a visão externa da fachada permeável e a perspectiva interna da circulação e um desenho esquemático

Figura 05: Edifício sede do DER-PI (Visão externa e interna da fachada e desenho do Cobogó)



Fonte: Silveira, Craveiro e Talita (2016) e desenho elaborado pela autora

Faculdade de Odontologia- UFRN (1965)

A linguagem arquitetônica dos edifícios institucionais neste período buscava adotar critérios da modernidade, somados à busca de adaptações construtivas ao clima tropical. Um exemplo relevante na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, foi o projeto da Faculdade de Odontologia (1965) de autoria do arquiteto potiguar Moacyr Gomes, formado no Rio de Janeiro (Bezerra Barbosa, 2013). A trama de cobogós foi idealizada como um invólucro do volume edificado, fornecendo um grande apelo estético e sendo aplicado nas fachadas oeste e sul que recebem maior incidência solar. Os painéis ocupam o pé-direito completo da fachada de dois pavimentos demonstrando o protagonismo do cobogó no partido arquitetônico. A figura 06 ilustra a entrada principal do edifício (fachada poente) e o detalhe aproximado das peças.



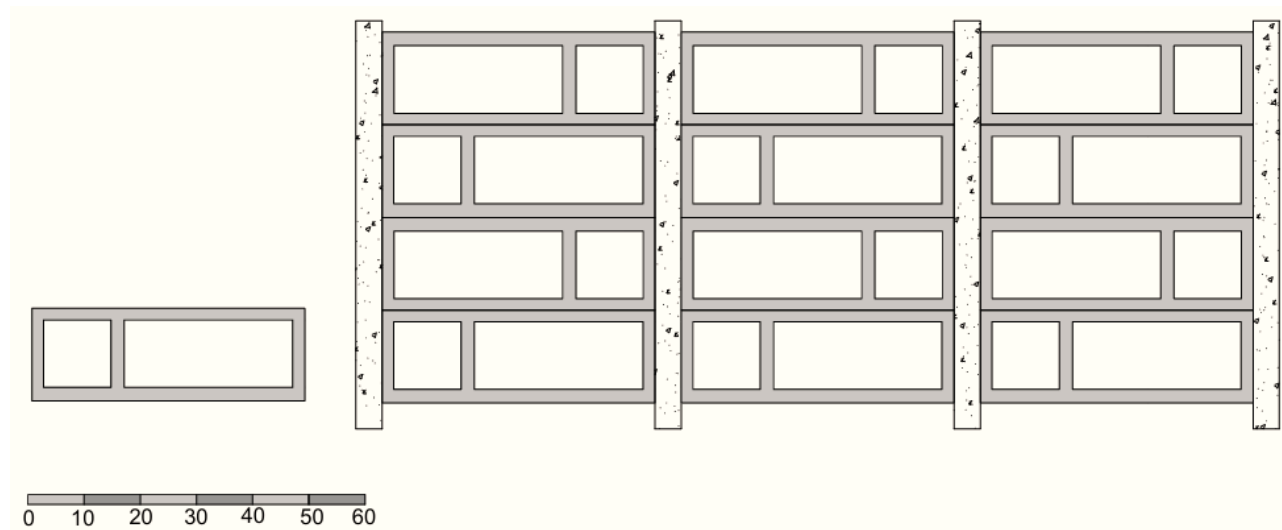
Figura 06: Edifício da Faculdade de Odontologia da UFRN (1963)



Fonte: <https://abrir.link/uvPNI>

Os elementos vazados foram executados em concreto, moldado in loco, cuja geometria é bem simplificada, imitando o efeito de tijolinhos alternados, com desenho personalizado para esse projeto. Estima-se que cada faixa de cobogós possua aproximadamente 60 cm de largura, contribuindo para a sensação de verticalidade da composição. A figura 07 ilustra o croqui esquemático das peças.

Figura 07: Desenho esquemático da malha de cobogós-UFRN



Fonte: Elaborado pela autora

Edifício Caiçara (1967)

Na cidade de São Luís, no estado do Maranhão, uma edificação de tipologia residencial-comercial, se destaca por usar cobogós com um desenho diferenciado em suas vedações internas. O Edifício Caiçara (1967) foi construído em terreno de área de aproximadamente 767 metros quadrados localizado no Conjunto histórico arquitetônico tombado pelo Governo Estadual do Maranhão. Foi considerado o primeiro edifício moderno residencial da cidade, com 10 pavimentos, construído pela construtora



cearense Caiçara (Nascimento e Rodrigues, 2023). Na Figura 08 estão ilustrados a visão externa do edifício, a circulação interna e o detalhe aproximado do painel de cobogós.

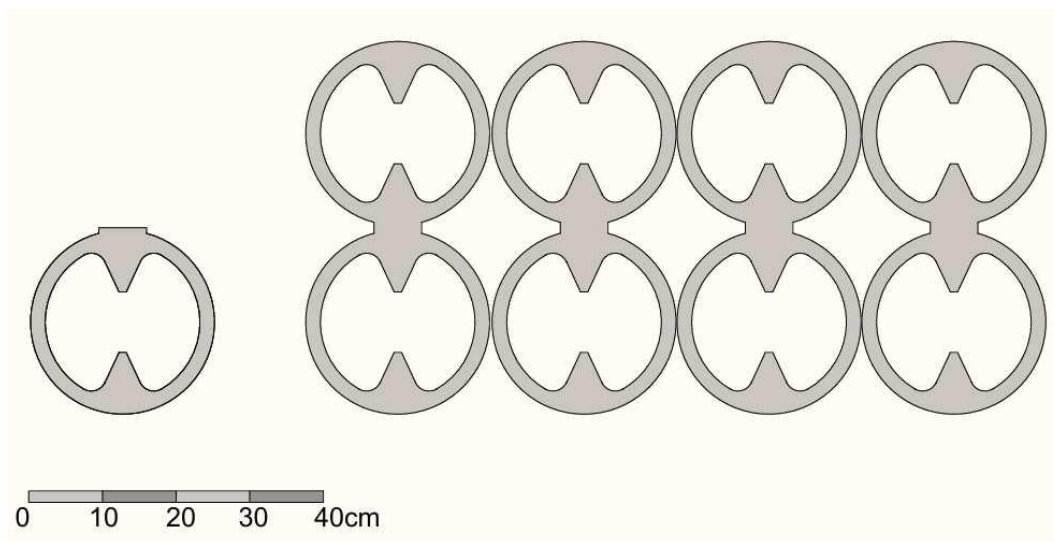
Figura 08: Edifício Caiçara (1967)-Visão externa e circulação com cobogós.



Fonte: Nascimento e Rodrigues (2023)

Os cobogós não fazem parte da composição das fachadas principais, tendo sido aplicados na circulação interna do prédio. Nesse caso, o elemento vazado é adotado como solução de iluminação e ventilação natural, porém merecendo destaque a função de promover privacidade para os usuários. A geometria dos módulos tem um caráter personalizado, com um formato circular de diâmetro aproximado de 20cm. O tamanho das aberturas permite ainda uma boa integração com o exterior (Figura 09).

Figura 09: Desenho esquemático da malha de cobogós -Edifício Caiçara



Fonte: Elaborado pela autora

Edifício Osório de Carvalho (1968)

O Edifício residencial Osório de Carvalho é considerado uma obra relevante para a arquitetura moderna Baiana, construído em Salvador. O projeto foi de autoria do arquiteto Paulo Ormino David de Azevedo, desenvolvido em parceria com o construtor e incorporador Jamil Cabus. O partido arquitetônico destaca



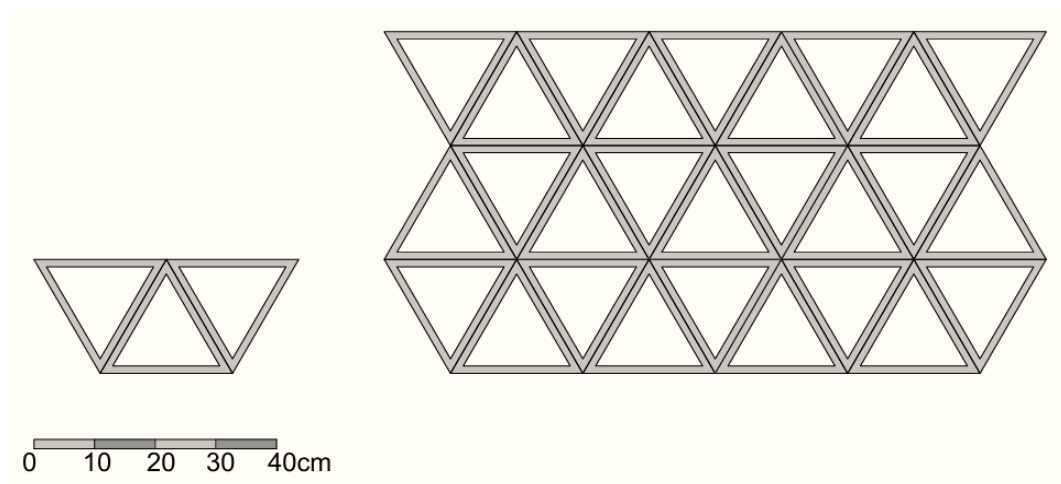
na fachada principal a presença de extensa malha vertical de elementos vazados marcando o eixo central do volume, que correspondem na planta baixa à área da cozinha e serviço. Para além de proteger a fachada poente da incidência solar, o painel de cobogós agrega um diferencial estético à edificação, fazendo um contraponto com a vizinhança (Ekerman, 2017). Os cobogós são aparentemente de concreto e possuem o formato triangular com dimensionamento da abertura reduzido, controlando melhor a entrada de iluminação, além de gerar mais privacidade (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Edifício Osório de Carvalho-BA (1968)- Fachada e detalhe do cobogó



Fonte: Vitruvius (2017)

Figura 11: Desenho esquemático dos cobogós do Ed. Osório de Carvalho- BA.



Fonte: Elaborado pela autora

Fábrica Wallig (1965)

A cidade de Campina Grande no estado da Paraíba fica bem próxima de Recife, o que facilitou a disseminação do uso do cobogó na arquitetura da cidade. A fábrica Wallig pertenceu a um grupo industrial do Rio Grande do Sul e se instalou em Campina Grande para produzir fogões. A edificação foi projetada pelo Estúdio de Arquitetura Sérgio e Pellegrini Cia Ltda na década de 1960, considerando as características locais na escolha dos materiais de construção. Assim, foram idealizadas soluções eficientes de exaustão e ventilação dos espaços, incluindo brises e sheds, além da instalação de vários tipos de cobogós no galpão norte (Duarte et al, 2017)

Todos os cobogós adotados são de concreto aparente. Decidiu-se selecionar os 02 modelos de cobogós com desenhos mais diferenciados, destacando o efeito visual na composição e a funcionalidade em cada aplicação. O cobogó 01 possui um módulo gerador com desenho geometrizado, composto por dois planos trapezoidais, uma peça na base inferior e outra superior, unidas por um elemento quadrado seccionado sutilmente inclinado. A junção de dois módulos parciais compõe o cobogó completo que mede 93 cm X 42 cm X 40 cm (Afonso, 2019, s.p.). A solução técnica permite uma entrada satisfatória de ventilação e gera uma composição na fachada que destaca quadrados e retângulos em alternância (Figura 12).

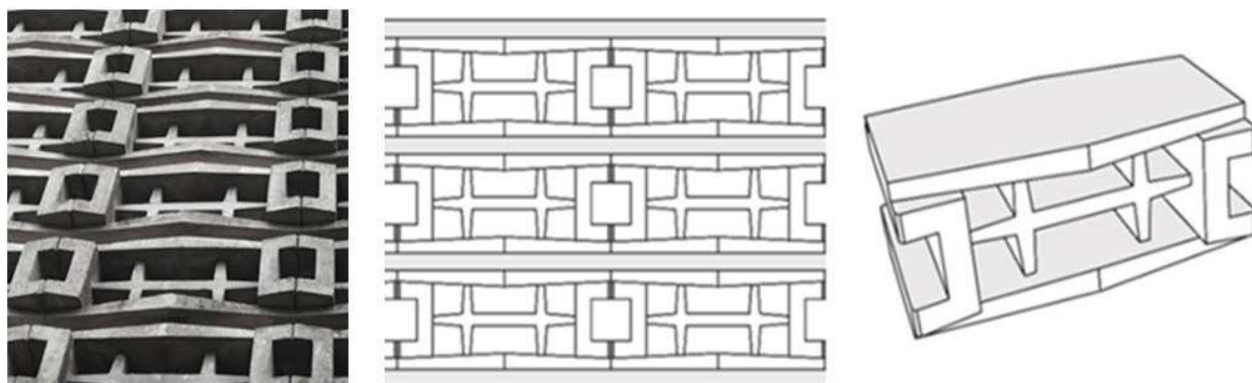
Figura 12: Cobogó modelo 01 - Fabrica Wallig (1965)



Fonte: Afonso (2019)

O cobogó 02 foi idealizado a partir da mesma geometria do módulo do cobogó 01, possuindo as mesmas dimensões de 93cm X 42cm X 40cm. Contudo para propiciar um efeito visual mais complexo, foi adicionada uma peça complementar no vazio da moldura, composta por duas placas verticais e uma horizontal (Duarte et al, 2017). A proposta reduz a entrada de luminosidade, porém em contrapartida, gera um resultado estético que otimiza a sensação de dinamismo e profundidade (Figura 13)

Figura 13: Cobogó modelo 02- Fabrica Wallig(1965)



Fonte: Afonso (2019)

Bloco administrativo CM- UFCG (1977)

O Bloco administrativo CM pertence à estrutura da Universidade Federal de Campina Grande e foi projetado por Tertuliano Dionísio. O arquiteto buscava sempre adotar critérios de modernidade, com uma linguagem brutalista, enfatizando a materialidade construtiva aparente, sem revestimentos. Foi responsável pela concepção de vários edifícios públicos institucionais, priorizando a racionalização dos custos e a aplicação de elementos pré-fabricados (Pereira, 2022). Neste edifício foram idealizados painéis vazados que funcionaram como um peitoril ventilado em toda a extensão das fachadas Norte e Sul, associados à utilização de brises. (Figura 14).

Figura 14: Bloco administrativo CM- UFCG (1977)- Fachada e detalhe dos módulos

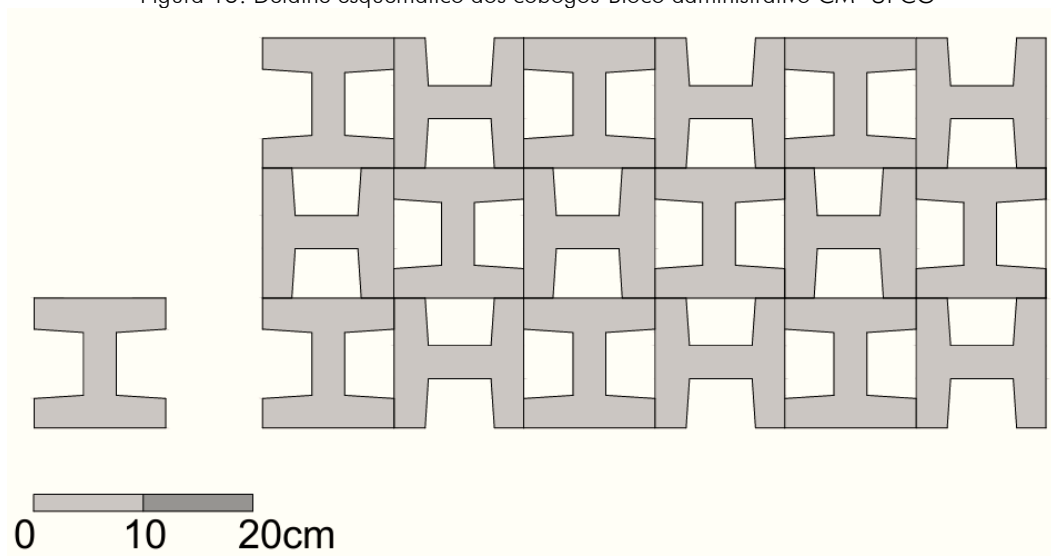


Fonte: Ivanilson Pereira (2019)

A composição do painel é feita a partir de um módulo, com medidas de 12 x 12 x 5 cm no formato de "H", executado em concreto aparente e posicionado de forma alternada na horizontal e vertical, com rotação de 90 graus, nos dois sentidos da malha. A união de 4 módulos geradores gera uma trama modular que se repete ao longo de todo o painel. A multiplicação dessa trama propicia a existência de vazios gerando uma malha texturizada no edifício de estética singular (Figura 47). Nos dias atuais, diante da necessidade da climatização artificial, esses painéis vazados foram fechados com alvenaria por trás dos cobogós, além da instalação de equipamentos pendurados nessas superfícies, como mostrado na figura 14.



Figura 15: Detalhe esquemático dos cobogós-Bloco administrativo CM- UFCG



Fonte: Elaborado pela autora

Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (1978)

O edifício da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba está localizado na cidade de Campina Grande e foi fruto de um concurso público realizado pela própria instituição FIEP. O projeto vencedor foi desenvolvido entre 1978 e 1979 pelo carioca Cydno da Silveira³ em parceria com as arquitetas Amélia Gama e Mônica Vertes. A obra foi executada pela Construtora CICOL, sendo inaugurada em 1983 (Afonso; Araújo, 2023). O partido arquitetônico traduz uma imponência na paisagem urbana da cidade, pela sua monumentalidade e forte inspiração nos elementos da moderna na arquitetura brasileira. A linguagem de aspecto brutalista é evidenciada pela estrutura dos pilares em concreto que funciona como brises marcando verticalmente toda a fachada principal voltada para o poente. Já as fachadas leste e sul, também se destacam pela originalidade do pano de cobogós cerâmicos, que se estendem envolvendo a curvatura da volumetria e são montados de forma contínua sem a interrupção de estruturas auxiliares (Figura 16).

Figura 16: Edifício da FIEP-PB- Fachadas Leste e Sul e detalhe do cobogó



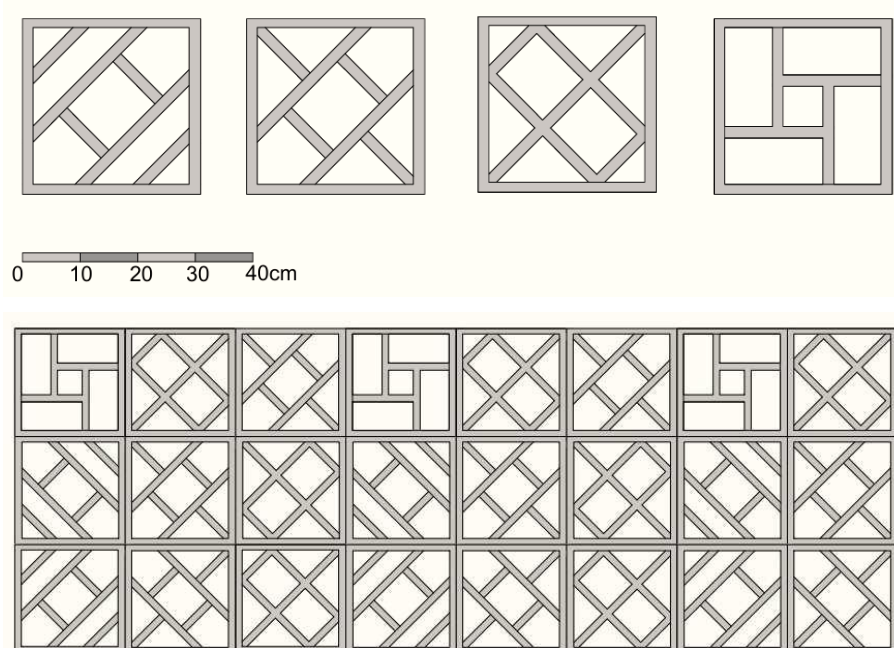
Fonte: <https://www.fundathos.org.br/detalheNoticia.php?id=713>; Ravina Medeiros (2023)

³ Cydno fez parceria com o arquiteto Oscar Niemeyer em diversos projetos durante a década de 1970, trabalhando inclusive em obras internacionais.



A fachada de cobogós foi tratada como uma segunda pele vazada, ficando afastada aproximadamente um metro da vedação de esquadrias de vidros e protegendo os espaços interiores vedados do sol da manhã. Os cobogós foram idealizados pelo artista Athos Bulcão (1918-2008)⁴ que desenhou os elementos vazados a partir da definição de quatro módulos com diferentes padrões articulados entre si. Houve a intenção de criar uma similaridade de geometrias formadas por linhas retas paralelas e perpendiculares que ao ser combinadas resultou em um rico efeito rendado na fachada. A materialidade escolhida foi a cerâmica natural e de acordo com informações da professora Alcília Afonso, cada peça da coleção mede 30 x 30 x 10cm (Figura 17).

Figura 17: Desenho esquemático dos módulos e composição dos diferentes padrões de cobogós-FIEP-PB



Fonte: Elaborado pela autora

Estes cobogós tornaram-se ícones expressivos para o acervo do artista plástico Athos Bulcão e foi transformado em produto de design, sendo disponibilizado atualmente no formato de miniaturas para comercialização na loja da Fundação Athos Bulcão em Brasília-DF. As miniaturas são fabricadas pelo atelier UrbMemórias da arquiteta Gabriela Tenório, produzidas em cimento pigmentado medindo 5 x 5 e 1,5cm de espessura. Na figura 18 estão representados os quatro modelos dos “cobogozinhos”, mostrando o efeito de luz e sombra gerados por seus desenhos.

⁴ O artista plástico ganhou notoriedade pela produção de murais artísticos pertencentes em sua maior parte ao acervo da arquitetura moderna de Brasília e do Rio de Janeiro. Ao longo de sua carreira trabalhou com arquitetos de destaque como Oscar Niemeyer, Lucio Costa e Lelé.



Figura 18: Miniaturas dos cobogós da FIEP em cerâmica.



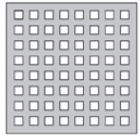
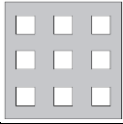
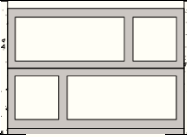


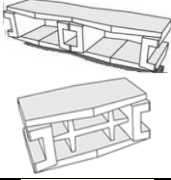

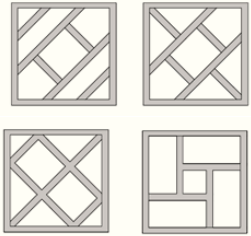
Fonte: URB_memoria (2025)

A partir de estudos realizados por alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG, orientados pela professora Alcilia Afonso, foram observadas questões relacionadas à condição atual de conservação e manutenção dessa extensa superfície de cobogós. As fachadas leste e sul estão visualmente prejudicadas pela presença das tubulações e dutos de ar-condicionado que foram instaladas externamente ao longo dos pavimentos, diante da necessidade de climatizar os ambientes internos. O efeito estético é repreensível, pois compromete toda a originalidade projetual da edificação. Outro fato lamentável é a falta de manutenção existente, com a existência de diversas peças de cobogós quebradas ao longo da fachada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida no presente artigo demonstra a expressividade do cobogó como elemento simbólico e funcional na constituição da linguagem moderna da arquitetura nordestina. A partir dos estudos de casos selecionados, foi possível observar a versatilidade do cobogó para além da sua função bioclimática, incorporando atributos de ordem estética e cultural. O artefato esteve presente em projetos institucionais e residenciais, sendo aplicado como elemento protagonista da composição, desde edifícios mais antigos como a Caixa d'Água de Olinda até a sede da FIEP com seu generoso envelope vazado cerâmico. A variedade de geometrias—retangulares, quadradas, triangulares, circulares ou modulares—expressa a liberdade criativa dos arquitetos e designers, que exploraram o potencial gráfico das peças para valorizar texturas visuais únicas. O quadro 01 mostra a comparação com os principais dados dos casos analisados:

Quadro 01: Comparação das obras analisadas e características dos respectivos cobogós

N.	Edifício	Cidade (UF)	Ano	Materialidade	Funcionalidade	Imagem
1	Caixa d'Água de Olinda e Pavilhão de Óbitos	Olinda (PE) Recife (PE)	1936	Concreto	Proteção solar e Ventilação	
2	DER – PI	Teresina (PI)	1955	Concreto	Proteção solar e Ventilação	
3	Faculdade de Odontologia – UFRN	Natal (RN)	1965	Concreto moldado in loco	Segunda pele- Proteção solar	
4	Edifício Caiçara	São Luís (MA)	1967	Concreto	Privacidade em circulação interna;	
5	Edifício Osório de Carvalho	Salvador (BA)	1968	Concreto	Proteção solar	
6	Fábrica Wallig	Campina Grande (PB)	1965	Concreto	Iluminação, ventilação e Privacidade	
7	Bloco Administrativo – UFCG	Campina Grande (PB)	1977	Concreto (módulos "H")	Peitoril ventilado	
8	Sede da FIEP – Cobogó Athos Bulcão	Campina Grande (PB)	1978	Cerâmica	Segunda pele com ventilação cruzada	

Fonte: Elaborado pela autora

Essa sistematização evidencia como os diferentes padrões de cobogós estudados podem traduzir a racionalidade da arquitetura moderna por meio das suas intenções funcionais e estéticas, reforçando as especificidades climáticas e culturais da região Nordeste. Observa-se uma dinâmica no design das peças que inicialmente consistiam em desenhos mais simplificados e que ganham mais complexidade ao longo das décadas, justificados pelo incremento da intenção simbólica e as novas tecnologias de produção.

Conclui-se que o objetivo do trabalho foi alcançado ao apresentar exemplares de cobogós aplicados em obras do nordeste que demonstraram ter uma pluralidade de soluções técnicas, comprovando o valor do seu design e a sua relevância histórica na arquitetura brasileira moderna.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Alcilia; ARAÚJO, Ingrid. **Conectando com Cydno**. *Revista Arquitetura e Lugar*, v. 1, n. 3, set. 2023. Seção Entrevista. ISSN 2965-291X.

AFONSO, Alcilia. **Resgate da documentação sobre o uso de cobogós nas fábricas modernas do Nordeste Brasileiro: dois estudos de casos, 1965-1979**. In: *Anais do 6º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação*. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/seminarioarqedoc2019/208301>. Acesso em: 02 fev. 2025.

BEZERRA BARBOSA, Luciano César. Entrevista com o arquiteto Moacyr Gomes. **Entrevista**, São Paulo, ano 14, n. 054.02, Vitruvius, maio 2013
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/14.054/4757>>.

DUARTE, Deborah; LEITE, Júlia; DINIZ, Diego; RODRIGUES, Roberta; BATISTA, Matheus. **A Utilização dos Cobogós na Arquitetura Moderna Industrial Campinense: Fábrica da Wallig**. 1965-1970. In: VII Seminário DOCOMOMO Norte/Nordeste, Manaus, 2017. Disponível em: https://7docomomomanaus.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/a_utiliza%C3%87%C3%83o_dos_cobog%C3%93s_na_arquitetura_moderna_industrial_campinense_f%C3%A1brica_da_wallig_1965-1970..pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

EKERMAN, Sergio. **Paulo Ormino David de Azevedo em seis obras**. *Projetos*, São Paulo, ano 17, n. 198.01, Vitruvius, jun. 2017
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/17.198/6554>>.

HOLANDA, A. de . **Roteiro para construir no nordeste**. Recife: UFPE/ MDU. 1976

MARQUES, S.; NASLAVSKY, G. **Plano Livre: A insustentável leveza do cobogó**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2., Natal, 18 a 21 de setembro de 2012.

NASCIMENTO, Lucia; RODRIGUES, Larissa. **Documentando as edificações em altura:Um estudo da arquitetura moderna implantada em São Luis entre os anos 1950 e1980**. In: *Ecos da Modernidade*, org. Alcilia Afonso, 2023.

OLIVEIRA, Adriana Freire de; BAUER, Caroline. Cobogós, textile-block ou módulo?
Experimentações de novas estéticas. In: **Anais do 9º Docomomo Brasil**. Anais. Brasília: junho 2011

PEREIRA, Ivanilson S. **Do Discipulo Pernambucano ao Mestre Paraibano: Práticas Projetuais do arquiteto Tertuliano Dionisio**. In: *Conexões modernas no Brasil: documentar, conservar, conectar* / Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo, Celma de Nazaré Chaves de Souza Pont Vidal organizadoras. – Campina Grande: EDUFPG, 2022

SILVEIRA, Ana Lucia R. C. da; CRAVEIRO, Jaísse; TALITA, Thâmara. **Análise da adequação bioclimática de edifícios modernos em Teresina-PI**. VI DOCOMOMO Norte/Nordeste . *Arquitetura: tectônica e lugar*. Teresina, 2016

VIEIRA, A.; BORBA, C.; RODRIGUES, J. **Cobogó de Pernambuco**. Edição Josivan Rodrigues. Recife: 1º Edição, 2012.

